

A REPRESENTAÇÃO DO SUJEITO DE TERCEIRA PESSOA NO PORTUGUÊS POPULAR DE ANGOLA

Renata de Oliveira Cardeal¹; Eliana Pitombo Teixeira²

1. Bolsista PROBIC/ UEFS, Graduanda em Letras Vernáculas, Universidade Estadual de Feira de Santana, email: rocardeal@gmail.com

2. Professora Doutora, Departamento de Letras e Artes, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: liapitombo@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE: Sujeito Pronominal, português brasileiro, português angolano

INTRODUÇÃO

Na busca de verificar se o português do Brasil (doravante PB) está sofrendo variação no que diz respeito à expressão do sujeito pronominal, diversas pesquisas vem se desenvolvendo. Segundo Roberts (1993) a riqueza funcional do paradigma flexional de uma determinada língua pode permitir o apagamento do sujeito, como acontece no português europeu, por exemplo. De acordo com Duarte (1993), o PB estaria passando por mudanças significativas no que diz respeito à representação do sujeito pronominal, se distanciando, por conseguinte das demais línguas românicas nesse aspecto. A preferência pelo uso da forma pronominal plena no PB levou à simplificação/redução do paradigma flexional (cf. DUARTE, 1993), a partir da introdução no sistema do pronome *você* substituindo o *tu* e da expressão *a gente* em substituição a *nós* que concordam com formas verbais de terceira pessoa do singular.

Nesse trabalho, busca-se colocar as seguintes questões:

1. Levando em conta a forte presença do escravo africano no Brasil desde o século XVI, qual o peso das línguas africanas na formação do PB?
2. As mudanças que estão ocorrendo no PB se apresentam também o português falado em Angola?

Em busca de algum indício que possa responder essas questões, analisamos, nesse trabalho, o uso do sujeito pronominal de terceira pessoa do singular, na língua falada por populares de Luanda. A escolha desse segmento da sociedade é motivada pelo fato de nela se apresentar mais naturalmente o vernáculo (no sentido de Labov) já que tiveram pouco ou nenhum estudo formal.

METODOLOGIA

Utilizou-se o aparato teórico-metodológico da Sociolinguística Quantitativa (LABOV, 1972) que considera a língua como uma estrutura heterogênea, passível de análise, ou seja, sistematizável. A amostra utilizada foi extraída do *corpus* do projeto *Em busca das raízes do português brasileiro*, constituído pela professora Eliana Pitombo Teixeira e reúne 11 informantes analfabetos e com até 5 anos de escolarização. Estabeleceram-se as seguintes variáveis extralinguísticas: a) o gênero/sexo do informante (masculino/feminino); b) faixa etária (faixa I – de 18 a 32 anos, faixa II – 33 a 49 anos, faixa III – acima de 49 anos), c) língua nativa (português e línguas nacionais) e as variáveis linguísticas: a) tempo/forma verbal

– presente simples e complexo, pretérito simples e complexo, futuro simples e complexo; b) tipo sintático da oração – independentes que, na nossa análise, incluem as absolutas, as primeiras coordenadas e as coordenadas com sujeito não correferencial; c) correferência em estruturas subordinadas, d) material linguístico entre o sujeito e o verbo, e) elementos em CP. Foram excluídas da análise as coordenadas com sujeitos correferentes, visto que, quando o referente é o sujeito de uma predicação, a ocorrência do sujeito nulo já é esperada. Os dados, depois de levantados e codificados, foram submetidos ao programa computacional de regras variáveis GoldVarb.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos 117 dados analisados, 101 (86%) apresentaram sujeito exposto e 16 (13%), sujeito nulo. Os primeiros resultados das rodadas apontaram o tempo e a forma verbal como a primeira variável selecionada, sendo o presente simples o que mais favoreceu o preenchimento do sujeito (97%, PR .89), seguidas do pretérito complexo (90%, PR .52); contrariamente o pretérito simples revelou-se não significativo apresentando PR .43). Duarte explica a preferência pelo sujeito nulo nas formas do pretérito pelo fato de estas formas serem arrizotônicas e a sílaba anterior a elas preencher o espaço do sujeito. Veja-se o decréscimo tanto das porcentagens quanto do PR na tabela 1 abaixo.

VARIÁVEL TEMPO E FORMA VERBAL			
	Apl./N	%	PR
Presente simples	34/35	97	.89
Pretérito complexo	9/10	90	.52
Pretérito simples	57/71	80	.43
Total:	100/116	Significância: 0,034	

Tabela 1: Efeito da variável tempo/forma verbal

A segunda variável selecionada foi o tipo sintático da oração. Vale salientar que foram retirados os seguintes tipos: as relativas - todas as seis ocorrências apresentam sujeito exposto. Este resultado é também encontrado em Duarte (1995) em que a autora chama a atenção para o fato de que foi nelas que se iniciou o preenchimento do sujeito, sendo, portanto, o ponto fraco do sistema. No PE, é esse o contexto em que ocorrem sujeitos expostos com maior frequência; as adjuntas – tanto as antepostas quanto as pospostas, que somam vinte e uma ocorrências, todas elas também com sujeito exposto.

VARIÁVEL TIPO DE ORAÇÃO			
	Apl./N	%	PR
Independente	56/65	86	.53
Raiz anteposta	27/71	80	.51
Completiva	5/8	62	.25
Raiz posposta	3/5	60	.24
Total:	91/149	Significância: 0,031	

Tabela 2: Efeito da variável tipo de oração

Vale apresentar os resultados da variável faixa etária que, apesar de não ter sido selecionada, apresentou resultados interessantes, mostrando que os falantes mais jovens utilizam mais o sujeito expresso como mostra a tabela 3.

Variável faixa etária			
	Apl./N	%	PR
Faixa I	59/68	86	.51
Faixa II	22/33	87	.52
Faixa III	13/16	81	.40
Total:	94/117		

Tabela 3: Efeito da faixa etária

CONCLUSÃO

A partir da análise dos resultados obtidos com os dados desta amostra é possível afirmar que na variedade popular do PA o uso do sujeito pronominal pleno já se implementou, passando pela mesma mudança que vem sendo verificada por Duarte no PB.

Esta mudança significativa no PA é também observada por Teixeira que verificou em seu trabalho “A representação do sujeito no português popular angolano” que a terceira pessoa foi a que apresentou maior número de sujeitos expressos. Tais resultados entram em conflito com os de Duarte (1995) em que a terceira pessoa apresenta maior frequência de sujeitos nulos. De todo modo, nota-se uma grande aproximação entre o PA e o PB ao passo que ambos se distanciam do PE. Fica-se assim inclinado a interpretar este fenômeno como resultante do contato de línguas africanas com o português.

REFERÊNCIAS

DUARTE, M. Eugênia L. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In I. Roberts & M. A. Kato (orgs.). *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1993, p. 107-128.

DUARTE, M. Eugênia L. A perda do princípio “evite pronome” no português brasileiro. *Sínteses* – Revista dos cursos de pós-graduação – IEL/UNICAMP, 1996, vol. 1, 87-106.

LUCCHESI, Dante. A realização do sujeito pronominal. In: _____; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (orgs.). *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009, p. 167-182.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Trad. Marcos Bagno; Maria Marta Pereira Schere; Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. (Orgs.). *Introdução à Sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2003

MONTEIRO, José Lemos. *Para compreender Labov*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa Sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1995.

TEIXEIRA, E. P. O pronome você no português de Luanda. In: LIMA-HERNANDES et al (orgs.). *A língua portuguesa no mundo*. São Paulo: FFLCH-USP, 2008.